

A MEMÓRIA DA INFÂNCIA E A IMAGINAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA: UMA LEITURA DE "O NAUFRÁGIO DO *BLACK SHIP*", DE GUIDO WILMAR SASSI

Aline Majolo¹

Saulo Gomes Thimóteo²

INTRODUÇÃO

Guido Wilmar Sassi (1922–2002) é uma das figuras centrais da ficção catarinense. Autor de romances como *Geração do Deserto* (1964) e de expressiva produção de contos que atravessam cinco décadas, Sassi ocupa posição singular na tradição narrativa do Sul do Brasil, marcada pela atenção ao interior do Estado, às personagens simples e à memória como matéria de construção literária.

Apesar do reconhecimento crítico que recebeu em vida, sua obra permanece sub-representada nos estudos literários brasileiros, especialmente no que diz respeito à produção contística da maturidade, que inclui textos de grande complexidade formal e temática.

É nessa lacuna que se situa esta pesquisa. O objeto de análise é o conto "O Naufrágio do *Black Ship*", publicado na coletânea *Este Mar Catarina* (Editora da UFSC, 1984), organizada por Flávio José Cardozo, Salim Miguel e Silveira de Souza. No conto, de caráter memorialista, um narrador adulto reconstrói a experiência da infância em Campos Novos, cidade do interior de Santa Catarina, distante do litoral por mais de trezentos quilômetros. O pinheiro que, pela força da imaginação infantil, tornava-se um navio pirata denominado *Black Ship*, é encontrado cortado quando o narrador retorna adulto à cidade. Isso nos leva a questionar: como a imaginação infantil funciona, nesse conto, como forma singular de experiência, e o que sua perda representa, à luz da teoria de Walter Benjamin?

O objetivo deste trabalho é analisar como a tensão benjaminiana entre a experiência profunda e transmissível (*Erfahrung*) e a mera vivência isolada (*Erlebnis*) se manifesta nos três tempos narrativos do conto e como o próprio ato de narrar realiza uma operação de *Eingedenken* (rememoração redentora), no sentido das *Teses Sobre o conceito de história*" (1940), tendo como referência o depoimento do próprio Sassi em entrevista concedida a Giovanni Ricciardi em 1990, que fundamenta e ilumina a leitura proposta.

1 METODOLOGIA

Esta pesquisa se configura como teórico-literária, de natureza qualitativa e fins interpretativos. A opção metodológica parte de uma triangulação de três instâncias analíticas: a análise literária imanente do conto "O Naufrágio do *Black Ship*"; a leitura do referencial teórico benjaminiano, com foco nos ensaios "O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov" (1936) e "Experiência e pobreza" (1933), reunidos em *Magia e técnica, arte e política* (1994), e nas *Teses*

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus* Chapecó.

² Doutor. Orientador. Professor do Curso de Letras – Português e Espanhol – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus* Realeza, e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da mesma instituição, *Campus* Chapecó. saulo.thimoteo@uffs.edu.br

Sobre o conceito de história (1940), lidas a partir de Löwy (2005); e o exame de fonte primária documental, constituída pela entrevista concedida por Sassi a Giovanni Ricciardi em 1990. Essa entrevista foi publicada na edição especial da revista *Ô Catarina!* (n. 53, set. 2002), organizada pela Fundação Catarinense de Cultura em homenagem póstuma ao escritor, falecido em maio de 2002.

O plano de geração de dados envolve documentação indireta bibliográfica, compreendendo a produção crítica sobre a obra de Sassi e os estudos especializados sobre Walter Benjamin, e documentação indireta documental, constituída pelo conto e pela entrevista a Ricciardi.

O método de abordagem é hermenêutico-interpretativo: o texto literário é lido em diálogo com o referencial teórico, e a entrevista funciona como documento que ancora a leitura, permitindo confrontar a elaboração literária com o depoimento autobiográfico do autor.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em "O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov" (1936), Walter Benjamin parte de um diagnóstico preciso: "a arte de narrar está em vias de extinção" e "são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente" (Benjamin, 1994, p. 197). Para o filósofo, o narrador é aquele que sabe extrair da experiência vivida, própria ou alheia, uma narrativa transmissível, capaz de portar conselho, saber e sentido. O diagnóstico aponta para uma perda civilizacional, não para um problema individual.

A distinção conceitual central para esta pesquisa é a que Benjamin traça entre *Erfahrung* e *Erlebnis*. A *Erfahrung* designa a experiência profunda, acumulada e transmissível de geração em geração, aquela que permite ao narrador não apenas contar um fato, mas transformá-lo em sabedoria comunicável. A *Erlebnis* é a vivência isolada, o choque do instante sem profundidade, que o mundo moderno impõe cada vez mais como única forma de relação com o real. A crise do narrador é, para Benjamin, a crise da *Erfahrung*: quem só tem *Erlebnis* não sabe narrar porque não sabe transformar o vivido em experiência partilhável. Os soldados que voltaram mudos da Primeira Guerra Mundial são o exemplo paradigmático dessa perda: voltaram "empobrecidos de experiência comunicável" (Benjamin, 1994, p. 198).

Em "Experiência e pobreza" (1933), Benjamin radicaliza o diagnóstico. O ensaio abre com a parábola de um velho que, no momento da morte, revela aos filhos a existência de um tesouro enterrado nos vinhedos. Os filhos cavam, não encontram ouro, mas a terra bem lavrada produz uma colheita excepcional. O pai transmitiu não um objeto, mas uma experiência: a de que o trabalho é o verdadeiro tesouro. A parábola demonstra que a *Erfahrung* gera mais do que o fato que a originou, transformando-se em saber transmissível. Benjamin usa esse exemplo para contrastar com a condição de sua época: a geração que viveu a Primeira Guerra voltou calada, incapaz de narrar, porque a experiência era grande demais para ser comunicada. O resultado foi o empobrecimento radical da capacidade narrativa.

Esses dois ensaios fornecem o aparato conceitual com que se lê o conto de Sassi. A criança que transforma o pinheiro em navio pirata opera em *Erfahrung*: ela não apenas vê uma árvore, ela a converte em matéria narrativa, imagina, elabora e partilha com o mundo que inventa. O adulto que retorna e encontra o pinheiro cortado colide com a supressão dessa capacidade: o que resta é o fato bruto, sem

elaboração possível e sem transmissão. O naufrágio do *Black Ship* é, nesse sentido, o naufrágio da *Erfahrung*, e o conto de Sassi encena essa perda com precisão e economia formal notáveis.

Há, porém, um dado que essa leitura ainda não alcança: o conto existe, pois foi escrito pelo Sassi adulto. E escrever o *Black Ship* não é o mesmo que ter vivido a infância no *Black Ship*. É retornar ao passado para realizar, pela narração, o que o tempo desfez. Essa segunda operação corresponde ao que Benjamin, nas *Teses Sobre o conceito de história* (1940), chama de *Eingedenken*: a rememoração redentora. Löwy (2005, p. 48), ao comentar a Tese II, formula com precisão: a felicidade pressupõe "a redenção de seu próprio passado, a realização do que poderia ter sido, mas não foi". O pinheiro foi cortado, o mar nunca existiu, mas o conto os salva do esquecimento. Para ler inteiramente o que Sassi faz, é preciso considerar não apenas a *Erfahrung* que o conto descreve, mas o *Eingedenken* que ele realiza.

3 ANÁLISE

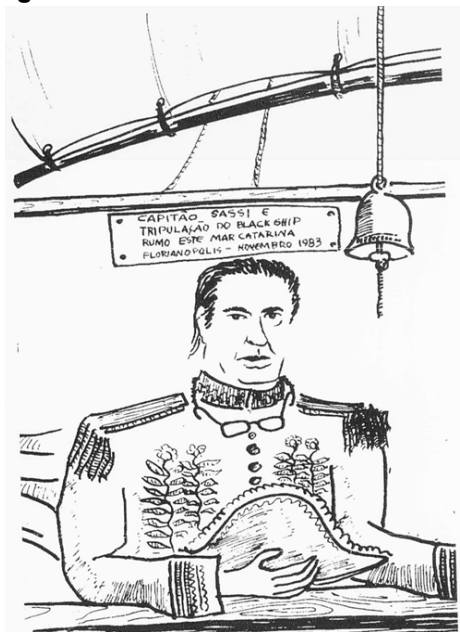
O conto abre com uma cena de plena imersão imaginativa. Antes de qualquer contextualização, o narrador já está no cesto da gávea de seu navio, avistando o inimigo ao longe:

Lá do alto, no cesto da gávea, eu divisei ao longo o navio inimigo, o casco principiando a emergir do oceano, as velas recortadas contra a linha do horizonte. [...] Não tinha sido em vão que eu me tornara amigo de todos os piratas, flibusteiros, bucaneiros e corsários que infestavam o Caribe, o Mar Amarelo, o Mediterrâneo e o Pacífico. (Sassi, 1984, p. 89).

A cena é de tal plenitude que o oceano se apresenta antes da revelação de que o narrador é uma criança em terra firme e distante do litoral. Esse é o primeiro e mais importante gesto do conto: transmitir ao leitor a experiência imaginada antes de revelar sua condição de impossibilidade. Só então Sassi desvela o paradoxo que sustenta a narrativa: Campos Novos fica a mais de novecentos metros de altitude, "distante, quilômetros e quilômetros, do porto mais próximo" (Sassi, 1984, p. 100). Não há mar algum. Mas o menino tem um. A ausência do mar real é exatamente a condição de possibilidade do mar imaginado.

A dimensão imaginativa do conto encontrou expressão visual nos desenhos que Hassis produziu para a primeira edição de *Este Mar Catarina* (1983):

Figura 1 – GWS em desenho de Hassis



Fonte: Ô Catarina!, Florianópolis, n. 53, p. 17, set. 2002.

Esse movimento corresponde com precisão ao que Benjamin descreve como *Erfahrung*. O menino não reproduz o que viu, ele transforma o que imagina em experiência vivida, corporalmente sentida. O conto deixa claro que essa transformação não era abstrata: "embarcado no *Black Ship*, eu navegava pelos sete vezes sete mares [...] porque a imaginação não conhecia limites nem fronteiras. Afinal, tudo podiam as asas da invenção" (Sassi, 1984, p. 90). A *Erfahrung* da infância não está na ausência do mar real, mas na capacidade de fazê-lo existir onde não existe.

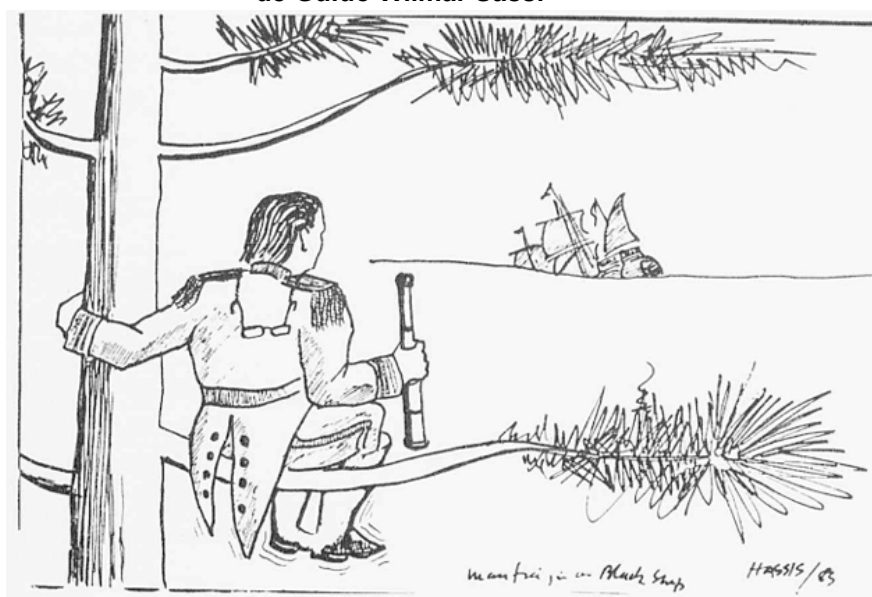
O pinheiro é o centro físico dessa experiência. Sassi descreve sua transformação com uma precisão que revela como a imaginação opera sobre a matéria do mundo: "Eternamente preso ao solo pelas suas âncoras de raízes, o pinheiro se transformava em nau, por um toque de magia" (Sassi, 1984, p. 90). E a cor do tronco não escapa à observação do menino: "passei a ter, desde então, um nome para ele: *Black Ship*. Meu navio-pinheiro era mesmo quase preto" (Sassi, 1984, p. 92). Essa atenção ao real revela que a imaginação não é fantasia arbitrária: ela parte do concreto e o elabora. E o conto vai além: Sassi descreve a construção do navio com precisão quase técnica:

As velas do meu barco eram feitas de trapos e alguns sacos de aniagem surrupiados da venda de meu pai. [...] serviram para confeccionar a bujarrona, as velas do joanete e de traquete e de mezena; e mais as velas de ré, as gatas superior e inferior, as sobregatas, a mestra e as velas de estais. Os estais, ligando os mastros aos gurupês e ao convés, eram feitos de cordas e barbantes. [...] O mastro grande era o próprio tronco da árvore, e dois cabos de vassoura, presos aos lados, formavam o mastro de proa e o mastro de mezena. As grimpas do pinheiro e os dois pedaços de pau constituíam as escoas. (Sassi, 1984, p. 97-98).

O narrador adulto reconstrói essa experiência com vocabulário técnico preciso: bujarrona, sobregata, mastro de mezena. Contudo, o gesto que descreve pertence à infância: cada elemento do quintal e do armazém do pai encontrava sua função na embarcação, a imaginação conhecia nomes, respeitava proporções, obedecia a uma lógica interna. É exatamente isso que Benjamin espera do narrador autêntico: não a invenção arbitrária, mas a elaboração rigorosa do vivido em experiência transmissível.

Outra ilustração de Hassis torna visível esse mesmo gesto: o capitão agarrado ao tronco do pinheiro, e ao fundo, no horizonte, o veleiro que a imaginação faz surgir:

Figura 2 – Desenho de Hassis tendo por motivo o conto "O naufrágio do *Black Ship*", de Guido Wilmar Sassi



Fonte: *Ô Catarina!*, Florianópolis, n. 53, p. 17, set. 2002.

Em um segundo tempo do conto, a puberdade anuncia o início do empobrecimento. Sassi registra o momento com uma frase de exatidão benjaminiana: "Passei a ter vergonha de embarcar no *Black Ship*" (Sassi, 1984, p. 100). A vergonha é o sintoma preciso da transição entre *Erfahrung* e *Erlebnis*: o que antes era experiência plena passa a ser visto com os olhos do mundo adulto, que não transforma, apenas registra. Na entrevista a Ricciardi, Sassi descreve esse mesmo limiar em termos autobiográficos:

Quando eu completei catorze anos, no próprio dia do meu aniversário, senti uma tristeza imensa [...]. A criança morria, então, e um jovem cheio de esperança, mas também de problemas e dúvidas, passava a existir. Compreendi que seria obrigado a renunciar a muita coisa boa, a dizer adeus para sempre à inocência e ao encantamento da infância. (Sassi *apud* Ricciardi, 2002, p. 6).

Ficção e depoimento dizem a mesma coisa com palavras diferentes: o fim da infância é o fim da capacidade de transformar o mundo. O narrador constata que os objetos perderam sua dimensão imaginativa: "o eucalipto e os cinamomos eram árvores, não passavam disso; e nas calçadas, os troncos falquejados de pinheiros

tinham voltado à condição prosaica de bancos grosseiros" (Sassi, 1984, p. 100). A *Erlebnis* se instala: os objetos voltam a ser apenas o que são, sem elaboração possível.

No terceiro e último tempo, o narrador adulto retorna a Campos Novos e encontra a cidade transformada. O conto termina com uma frase que condensa tudo:

O meu mar de outrora estava então muito reduzido, pois a minha capacidade de sonhar e fantasiar há anos se acabara. [...] tinham cortado o pinheiro da minha infância — era o naufrágio total do *Black Ship*. (Sassi, 1984, p. 101).

A formulação de Sassi é precisa: o naufrágio não é do navio, é do sujeito. O pinheiro cortado apenas exterioriza uma perda que já havia acontecido antes, quando a vergonha substituiu a imaginação. O que os adultos cortaram não foi uma árvore, foi a capacidade de transformá-la em *Erfahrung*. O que resta é o fato bruto da ausência, uma *Erlebnis* sem profundidade e sem transmissão possível. Benjamin reconheceria nessa cena a figura exata do empobrecimento que diagnostica: o narrador que retorna mudo, sem conseguir transformar o vivido em experiência comunicável.

Mas o conto existe. E sua existência exige que se acrescente ao quadro benjaminiano uma segunda operação, distinta da *Erfahrung*, aquela que as *Teses Sobre o conceito de história* (1940) nomeiam *Eingedenken*: a rememoração redentora. Enquanto a *Erfahrung* diz respeito ao modo de viver e transmitir a experiência, o *Eingedenken* designa o ato de voltar ao passado para dele resgatar o que foi perdido, interrompido, deixado em suspenso. O adulto que narra o *Black Ship* não está apenas descrevendo a perda da *Erfahrung* infantil, está realizando, pelo ato da escrita, exatamente o que Benjamin anuncia na Tese II: "o passado leva consigo um índice secreto pelo qual ele é remetido à redenção" (Benjamin *apud* Löwy, 2005, p. 48). O navio que nunca navegou, o mar que nunca existiu, o pinheiro que foi cortado: tudo isso é resgatado do esquecimento pela narração. O *Eingedenken* não desfaz o naufrágio, ele o redime, transformando a desolação do passado em matéria que pode ser transmitida.

A entrevista a Ricciardi sustenta essa leitura pela voz do próprio autor. Na carta de apresentação das quarenta e nove páginas de respostas ao questionário, Sassi escreve: "Mergulhei fundo no passado, na memória e na saudade. Quando emergi, trouxe comigo alguns 'fantasmas' que estão retornando à vida" (Sassi *apud* Ricciardi, 2002, p. 2). A formulação é ela mesma um ato de *Eingedenken*: o mergulho na memória como gesto redentor que traz à vida o que estava submerso. E acrescenta, sobre o *Black Ship*:

As árvores eram os meus navios. Eu era tudo: grumete, marinheiro, pirata, imediato, capitão e armador, enfim, o criador, o dono absoluto, pois, não raro, em batalhas memoráveis, eu costumava pôr todos os meus navios a pique. Desses meus barcos, um eucalipto enorme eu transformei em pinheiro (araucária) e contei sua história (mais ou menos real) no conto "O naufrágio do *Black Ship*". (Sassi *apud* Ricciardi, 2002, p. 3).

O depoimento revela que o gesto literário central do conto, a troca do eucalipto pelo pinheiro e a transformação do mar ausente no mar inventado, é da mesma natureza que a *Erfahrung* benjaminiana, não a reprodução mecânica do vivido, mas sua elaboração em experiência comunicável. O conto não nasce da

presença do mar, mas do trabalho sobre sua ausência. Retomando a parábola de Benjamin, é exatamente a operação dos filhos que cavam e não encontram ouro, mas colhem mais do que esperavam: a privação é a condição do tesouro.

A articulação dos três elementos, conto, teoria e entrevista, permite ler "O Naufrágio do *Black Ship*" não apenas como texto memorialista, mas como encenação literária de um problema filosófico: a relação entre privação, imaginação e experiência narrativa. Isso se confirma quando Sassi, na mesma entrevista, descreve o dicionário de sua infância como "meu primeiro barco no mar das palavras", cujas páginas são "as velas de um navio amigo, seu porão está repleto de lembranças, de saudades" (Sassi *apud* Ricciardi, 2002, p. 6). A metáfora náutica não foi acidente do conto: ela atravessa toda a relação de Sassi com a linguagem e com a literatura. O navio é sempre o veículo da experiência transmissível.

Sassi não apenas narra uma perda. Ele demonstra, pela forma mesma do conto, que a *Erfahrung* é possível mesmo onde a experiência direta está ausente, e que é justamente essa possibilidade que o mundo adulto ameaça destruir. O narrador que encontra o pinheiro cortado é, ao mesmo tempo, aquele que sabe transformar a própria impossibilidade de narrar em matéria narrativa — e nisso reside sua grandeza.

CONCLUSÃO

Esta análise demonstra que o conto "O Naufrágio do *Black Ship*" de Guido Wilmar Sassi pode ser lido produtivamente à luz dos conceitos benjaminianos de *Erfahrung*, *Erlebnis* e *Eingedenken*. O movimento narrativo do conto encena a transição de uma experiência infantil fundada na imaginação criadora para o empobrecimento que o mundo adulto impõe, figurado no pinheiro cortado e na formulação final do próprio Sassi: "era o naufrágio total do *Black Ship*" (Sassi, 1984, p. 101). O naufrágio é, ao mesmo tempo, o naufrágio da capacidade de narrar: a crise que Benjamin identifica como sintoma mais profundo da modernidade. Mas o conto é também, pelo ato mesmo de sua existência, uma operação de *Eingedenken*: Sassi retorna ao passado para realizar "o que poderia ter sido, mas não foi" (Löwy, 2005, p. 48), resgatando da desolação uma experiência que, de outra forma, permaneceria perdida.

A entrevista a Ricciardi confere maior densidade analítica à leitura, pois situa o conto em uma experiência autobiográfica e confirma que o gesto literário de Sassi, a transformação do eucalipto em pinheiro e do mar ausente em mar inventado, é da mesma natureza que a *Erfahrung* benjaminiana. O depoimento do autor não encerra a interpretação do texto, mas a enriquece ao revelar que a poética da ausência em Sassi não é apenas um procedimento formal, é uma postura diante do mundo e da narração, que transforma a privação em matéria narrativa de resistência à modernidade.

Como desdobramento, esta pesquisa contribui para ampliar o *corpus* dos estudos sobre Sassi e para o debate mais amplo sobre memória, infância e narrativa na literatura brasileira. A análise sugere que outros contos de maturidade do autor podem ser lidos sob a mesma perspectiva, o que abre caminho para investigações futuras sobre a figura do narrador em Sassi e sua relação com a tradição da narrativa memorialística no Sul do Brasil.

REFERÊNCIAS



III COLÓQUIO CAMINHOS DE PESQUISA DO GELLI

13 e 14 de maio de 2026

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras Escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114-119. (Obras Escolhidas, v. 1).

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história". Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

RICCIARDI, Giovanni. Entrevista concedida em 1990 por Guido Wilmar Sassi a Giovanni Ricciardi. **Ô Catarina!**, Florianópolis, n. 53, p. 3-18, set. 2002. Publicação especial da Fundação Catarinense de Cultura.

SASSI, Guido Wilmar. O naufrágio do *Black Ship*. In: CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim; SOUZA, Silveira de (org.). **Este Mar Catarina**: contos. Florianópolis: Editora da UFSC, 1984. p. 89-101.